



**jornal académico**

**Rui Reis,  
o “óscar” da  
investigação,  
em exclusivo ao  
ACADÉMICO**

Jornal Oficial da AAUM  
DIRECTOR: Vasco Leão  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
205 / ANO 10 / SÉRIE 5  
QUARTA-FEIRA, 05.MAR.14



academico.rum.pt  
facebook.com/jornal.academico  
twitter.com/jornalacademico

## **campus**

**Academia eufórica  
vive semana intensa**

Página 04

## **tutorUM**

**Fábio Vidrigo (andebol)  
em entrevista ao  
ACADÉMICO**

Página 08

## **inquérito**

**Estudantes revelam os  
nomes que gostariam de  
ver no Enterro da Gata**

Página 06

# **Gata na Praia regressa ao Tivoli de Portimão**



ACADÉMICO EM PDF

## **cultura**

**Sala de cinema: “A grande  
beleza”: Cultivando a  
mente e a vaidade**

Página 16

## **desporto**

**SCBraga/AAUM falha  
assalto à liderança  
perante o Sporting**

Página 18

## **local**

**Presidente da ACBraga  
defende maior mobilidade  
entre centro e campus**

Página 02



# ENTREVISTA



Marcos Pereira

## RUI REIS

Rui Reis volta a apontar o dedo ao financiamento da ciência no nosso país

## “É TRISTE HAVER MAIS RECONHECIMENTO DO NOSSO TRABALHO NO ESTRANGEIRO DO QUE EM PORTUGAL”

*Rui Reis é um dos mais premiados investigadores portugueses na área dos biomateriais e medicina regenerativa. Lidera actualmente o grupo de investigação 3B's, nas Caldas das Taipas, um grupo que tem conseguido ser pioneiro em várias descobertas nesta área. O ACADEMICO esteve à conversa, depois de ter recebido o Prémio Clemson para contribuições para a literatura científica.*

JOSÉ REIS  
jose.reis@rum.pt

**A relação que tem com a ciência é muito forte na medida em que todos os dias faz ciência. Como o devemos entender, como cientista, investigador, professor?**

Sim, eu costumo dizer que, por mais responsabilidade que tenha a nível nacional ou internacional, eu sou

um cientista. O que eu gosto, de facto, é da ciência e de descobrir coisas novas e potenciá-las a nível nacional e internacional, também através de boas publicações. É verdade que tenho vários “chapéus” e tento fazer o melhor possível em todos eles, coordenando um jornal científico e fazendo parte de sociedades científicas. Mesmo assegurando todo o trabalho na Universidade,

onde sou vice-reitor para a investigação. Mas o que eu gosto mesmo de fazer é desenvolver trabalho como cientista, sem dúvida.

**O investigador coordena um dos grupos mais galardoados na área, o 3B's. Um reconhecimento que lhe valeu o ‘Óscar’ da área ainda recentemente. Atualmente, e para que percebamos qual o trabalho que desenvolve,**

**qual a abrangência do grupo de trabalho que coordena?**

O próprio nome o indica: Biomateriais, Materiais Biodegradáveis e Materiais Biométricos, materiais inteligentes, como um sistema vivo. É nestes domínios que atualmente agimos. Mas a nossa atividade é, claramente, na engenharia de tecidos humanos, atuando em vários domínios como o osso, cartilagem, pele, te-

cidos neuronais, menisco, tendões, com materiais diferentes. Tudo isto é a medicina regenerativa. Só para que se tenha uma ideia, trabalho atualmente com células estaminais embrionárias através do banco público inglês. Somos reconhecidos internacionalmente e temos esse privilégio, já que não há legislação em Portugal nesta matéria. É apenas uma das partes em que trabalhamos,



## “A investigação precisa de ser mais financiada por fundos nacionais”



Marcos Pereira

da nanotecnologia, da nanomedicina, das nanopartículas. É uma abordagem multidisciplinar (risos).

### Atualmente quantos investigadores integram o grupo que lidera?

Somos 130 pessoas no total, de mais de 20 nacionalidades diferentes, 50 doutorados e apenas quatro docentes da Universidade do Minho. Chegam-nos investigadores de vários países, da China à Índia, mas temos conseguido cativar investigadores dos EUA, Holanda, Inglaterra, Alemanha, e muita gente do Brasil, Venezuela, Colômbia...

### Até porque a ciência tem esta característica muito específica de ser ‘universal’...

Certo. Mas não é assim tão universal existir um grupo em Portugal que consiga captar pessoas de tantas nacionalidades (risos).

### Qual é então o segredo do sucesso deste grupo de investigação?

Todos sabemos que um cientista quer desenvolver o seu curriculum, que é o mais importante. Quer ter formação e o centro é um

dos mais reconhecidos na área. Não esqueçamos que estamos a competir com grandes grupos americanos e japoneses mas na ciência escolhe-se muito com quem se quer trabalhar. Os investigadores vêm com vontade de descobrir um novo local e de trabalhar com o Rui Reis, com qualquer um dos meus colegas. Temos estrutura científica e podemos trabalhar com várias empresas. Só como exemplo, digo-lhe que fomos o laboratório com mais patentes no últimos anos e os investigadores vão falando sobre isto.

### Mas este é um trabalho que não se conclui.

E que se pode sempre melhorar. Organizamos muitos congressos, visitam-nos e ficam entusiasmados com a possibilidade de trabalharem connosco. A única dificuldade é quando existe a necessidade de procurar investimento para que possamos acolher os investigadores e continuar o nosso trabalho. O que é interessante ao longo do nosso trabalho é que fomos construindo uma rede de contatos interessante. Os investigadores passam por cá, alguns ficam cá porque na-

moram, casam e gostam da vida de cá. Mas muitos regressam, para fazerem doutoramentos noutros locais e conseguimos construir assim uma rede fundamen-

tal de investigadores nesta área. Em Portugal temos dificuldades em ter redes de contatos e colaboradores e assim, a médio prazo, há grandes vantagens em ter-



Marcos Pereira

mos investigadores treinados por nós.

### A ligação ao mundo é outra das características notórias do Rui Reis...

Lideramos um instituto de excelência com 22 parceiros em 13 países. Sou presidente da Sociedade Mundial de Tecidos e Engenharia Regenerativa. E todos estes cargos mostram a penetração nesta área, porque a ciência é super global. Não adianta fazer ciência nas Taipas se não a soubermos comunicar. Não é só patentear, é necessário estar nos congressos, é preciso o chamado ‘show your face’, porque se não for conhecido não conseguimos ir a lado nenhum. Temos que pensar na globalidade da ciência.

### É fácil trabalhar nesta área em Portugal? De que forma lida com os nossos eleitos?

É complicado, nalguns casos. Por exemplo, na União Europeia há países que proibem a utilização de células estaminais embrionárias, como em Portugal, por exemplo. Fui presidente da Sociedade que lidera esta matéria e tinha legislação para avançar com este processo. No entanto o Governo caiu e o projecto também. Temos que começar outra vez todo este processo. Mas sabemos que tudo isto tem a ver com as sensibilidades dos diferentes Governos, de direita ou de esquerda. Nalguns casos tem a ver diretamente com questões religiosas. Mas o grande problema não é esse. É triste ver mais reconhecimento do nosso trabalho no estrangeiro do que em Portugal. Por exemplo, quando fui à Coreia, os governantes locais vieram jantar comigo. Em Portugal isso é impossível. Na Coreia não me tratam de forma diferente porque gostam da minha cara, Certamente que eles acham que têm algo a ganhar, tomam todas estas atitudes com um motivo. Aqui em Portugal é tudo muito enrolado, com primas donas que estão e não estão. Tenho este discurso há muito tempo mas não muda nada (risos). Mas o trabalho não precisa disto, precisa é de mais financiamento nacional. Os valores



que temos são extremamente baixos quando comparados com os internacionais mas, a cada problema que nos criam com o centralismo da gestão científica em Portugal (em Lisboa) é quase como se nos espicassem a trabalhar mais, procurando financiamento no exterior. Não paramos por mais que nos possam chatear (risos).

### Do interesse à formação

**A ligação do Rui Reis à investigação sempre foi algo que quis desde jovem ou foi algo que aconteceu de forma natural?**

O meu pai era professor universitário, era professor da faculdade de engenharia da Universidade do Porto, professor de Engenharia e de Química. E isso com todas as vantagens e desvantagens, tal como o meu filho de 12 anos sabe exatamente o que é um artigo, o que é uma citação, aquela coisa que muitos estudantes universitários não sabem porque nunca passaram por aqui. Quando tinha 7/8 anos também sabia o que era um projeto, o que era um artigo, o que era um livro científico. E sempre gostei e sempre disse que queria ser professor universitário. Não dizia que queria ser cientista. Não havia esta lógica, na altura não se usava esta

palavra. A ciência evoluiu brutalmente nos últimos anos. Só para que tenha uma ideia, o meu pai foi a primeira pessoa que se doutorou na Faculdade de Engenharia do Porto com um doutoramento totalmente feito em Portugal, porque as pessoas costumavam ir para Inglaterra ou França. Isso foi em 1982. É preciso perceber como as coisas evoluíram nestes anos. Mas eu sabia o que era aquilo, circulava desde muito pequeno pela universidade. Mais tarde vim a perceber que se calhar eu queria ser professor universitário porque queria estar mais ligado à parte científica e da descoberta. Não gosto de dar aulas, mas às vezes é impossível compatibilizar tudo isto, e se desse muitas aulas não conseguia fazer muitas das outras coisas que faço.

**Mas esta via tão vincada à investigação deve ser posterior...**

Sim. Como tirei um curso de engenharia metalúrgica e de materiais, que era um curso bastante experimental, comecei desde cedo a fazer experiências, a começar a publicar os meus primeiros artigos e a ir a congressos, que foi uma coisa que sempre me agradou imenso. Gosto muito de testar a qualidade do meu trabalho face a uma audiência que



Marcos Pereira

pode criticar, que pode dizer se é bom ou mau. Sempre gostei muito disso. E depois tive a felicidade de fazer na altura um mestrado nacional em engenharia de materiais, em que entravam as seis principais universidades portuguesas. Na altura ainda estava na Universidade do Porto, mas fiz a parte do estudo em polímeros aqui porque a Universidade do Minho era muito melhor neste domínio. Tudo isto me deu uma visão do que era a investigação na área. Entretanto percebi do que eu gostava era de polímeros e plásticos e mesmo sendo professor da Universidade do Porto pedi para me vir doutorar para a academia minhota. Na altura era uma coisa absolutamente estranhíssima (risos), uma pes-

soa que era da Faculdade de Engenharia do Porto, que achavam ser os melhores neste domínio, decidir continuar a estudar no Minho. Falei com o professor Carlos Bernardo e com o atual reitor António Cunha, que foi depois quem acabou por assumir toda a orientação do meu trabalho, e foi assim que as coisas começaram.

**Lembra-se dos primeiros tempos em que teve esse interesse pelos biomateriais, polímeros?**

As áreas multidisciplinares são aquelas que conseguimos fazer coisas que de facto podem mudar alguma coisa. E hoje percebe-se isso com a evolução dos tempos. Não podemos fazer só ciência competitiva publica-

da em boas revistas, muito citada por outros autores, e portanto é à custa disso que conseguimos fazer crescer os nossos grupos. Mas também podem ter um efeito importante na economia e gerar valor. Estamos numa área em que se podem gerar spin-offs, empresas, e tentar levar o investigador mesmo que depois não seja responsável pela gestão da empresa no dia a dia. Quando eu comecei a minha carreira em biomateriais foi em 1990, acabei a minha licenciatura em Engenharia Metalúrgica e de Materiais e fui logo a seguir com a minha atual mulher para uma empresa holandesa que trabalhava em revestimentos de próteses ortopédicas. O primeiro contacto foi numa empresa em que tínhamos que arranjar módulos, embora fosse uma empresa que trabalhava em tecnologia de ponta num país extremamente desenvolvido mas tinha funcionários com uma formação média. Muitos deles não tinham formação superior e portanto um dos nossos primeiros trabalhos foi arranjar maneira para que as pessoas que não tinham treino conseguissem medir coisas que não percebiam muito bem. E foi a partir desse trabalho na empresa e depois desse mestrado que comecei a entender que havia muitas áreas dos materiais que são ainda hoje muito importantes, mas que estavam absolutamente saturadas. Havia muito estudo naquela área e o estudo dos biomateriais tinham uma janela de oportunidade. E assim foi. (risos).



O investigador à conversa com o jornalista da RUM, José Reis

Marcos Pereira